

## REVISTA BIBLIOGRÁFICA

---

OLIVEIRA VIANNA—**Raça e Assimilação**—1 vol. de 235 páginas.  
S. Paulo, 1932.

Êste belo volume, diz o A., é uma rápida síntese de alguns capítulos de duas obras mais vastas: *O aryano no Brasil* (biologia e mesologia) e *Anthropologia social* (psicologia e sociologia), em via de conclusão. Com prudência, Oliveira Vianna diz abster-se de formular categoricamente conclusões pressurosas, mas limita-se a apresentar « hipóteses de trabalho » cujo interêsse aliás é inegável.

Distinguindo entre « psicologia das etnias », ramo da psicologia colectiva, ciência social — e « psicologia das raças » — ciência natural, puramente antropológica —, o A. atribui a uma confusão entre as duas expressões o justificado cepticismo existente em relação a alguns estudos de pretensa psicologia racial. Mostra a necessidade da aplicação dos métodos antropométricos, biotipológicos e biométricos a problemas importantes, como os da mestiçagem, da selecção eugénica da imigração, da aclimação, etc. Como Calverston, entende que a Antropologia pela Antropologia é tão absurda como a Arte pela Arte.

Dum alto valor é o capítulo consagrado ao *melting-pot* e à sua análise matemática. Ê todo um admirável programa de investigações úteis, a que o A. adiciona já alguns resultados curiosos fundados nas estatísticas oficiais, apesar das deficiências destas. Assim, verifica que o *melting-pot* riograndense absorve 4,6 % da nupcialidade geral, o paulista absorve 16,3 %, ou seja cêrca de 4 vezes mais. S. Paulo apresenta, pois, uma capacidade maior de assimilação e fusão dos elementos estrangeiros ali reunidos. Outra constatação é que, ao sul do Brasil, 76 % dos imigrantes italianos, portugueses e espanhois se ligam com elementos que as estatísticas dão como estranhos às suas etnias, comquanto possam, de facto, ser descendentes, em 2.<sup>a</sup> ou 3.<sup>a</sup> geração, de elementos das suas etnias. Os japoneses são entretanto os que apresentam em S. Paulo maior índice de fusibilidade, mas cumpre notar que em enorme maioria os imigrantes nipónicos já chegam casados, tra-

tando-se portanto dum índice baseado numa reduzida minoria de consórcios.

Oliveira Vianna mostra que no sul do Brasil os varões de cada etnia estrangeira, tôdas as vezes que procuram espôsa fora do seu grupo nacional e em grupos não brasileiros, escolhem elementos das etnias mais afins da sua, pela raça e pela cultura. Assim, o português, sempre que se não fixa no seu grupo ou no grupo brasileiro, dirige-se preferentemente ao grupo espanhol (58,5 % ou seja em mais de metade dos casos), logo em seguida ao grupo italiano (32,8) e só excepcionalmente ao grupo alemão (1,4), ao austríaco (3,5) ou a outros (3,5).

Não quere o A. que os seus resultados tenham um carácter definitivo, mas nem porisso êles deixam de apresentar altíssimo interesse científico que nos cumpre salientar.

Em apêndice ao seu notável trabalho, Oliveira Vianna publica vários ensaios e notas sôbre assuntos antropológicos e demográficos. Aí figura uma resenha sôbre os modernos estudos antropológicos em Portugal, da qual me cumpre agradecer a mui benévola apreciação feita ao meu modesto esforço. Noutros ensaios são analisados o valor psico-social dos japoneses, o anti-mendelismo de Jennings, a concepção da «sociologia regional» de Mukerjee, a atitude de Pittard perante o germanismo, etc.

Não acompanho Oliveira Vianna no seu ataque ao ilustre antropólogo suíço, cujo espírito científico conheço e considero incapaz de qualquer deformação tendenciosa dos factos. Também, depois da severa crítica de Houzé, não tenho simpatia pelo emprêgo do termo *ariano* na acepção antropológica que lhe dá o A. através do seu livro. Mas como é notável êste livro, como são criteriosos os seus estudos e ensaios, como êles são demonstrativos dum belo talento, duma cultura vasta e séria e duma amplitude fecunda de vistas no domínio científico em que Oliveira Vianna é brilhante e consagrado investigador!

*Raça e Assimilação* desperta em nós o mais ardente desejo de conhecer os volumes que se anunciam ali e de que êste livro é, por assim dizer, a introdução ou explanação preparatória, dum raro mérito.

MENDES CORRÊA.

DR. LÉON MAC-AULIFFE — *La personnalité et l'hérédité* — 1 vol. de 291 págs. e 222 estampas. Paris, 1932.

Na seqüência dos volumes, já publicados, sôbre as origens do homem actual, desenvolvimento e crescimento, e os mecanismos íntimos da vida, o ilustre morfologista francês, dr. Léon Mac-Auliffe, dá agora à estampa um novo volume *La personnalité et l'hérédité*, que, com aqueles e com um próximo livro sôbre a personalidade, a hereditariedade e o meio, ficará constituindo a série que intitulou *A vida humana (Estudos morfológicos)*.

«Simples exposição de factos» chama o A. ao presente trabalho. Na verdade êle coordena uma multidão considerável de factos relativos à hereditariedade normal e patológica, às semelhanças raciais e familiares, ao desenvolvimento psico-físico da personalidade, etc. Mas o dr. Mac-Auliffe faz o comentário dêsses factos e, através de tôda a exposição, resalta a sua tese — que é a da escola de Sigaud, seu mestre — de que os tipos morfológicos estão correlacionados com as tendências físiopsíquicas, predisposições patológicas, etc.

É valiosamente documentado o estudo sôbre a família Carnot e é também numerosa a documentação relativa à orelha nos músicos. Se, nalguns dos pontos versados, o nosso espírito fica em suspenso por lhe parecerem demasiado simples as relações pretendidas entre formas e as funções, nem porisso deixam de impressionar-nos certos factos como a freqüência do tipo cerebral na família Carnot. De resto, Mac-Auliffe é, dum modo geral, prudente nas suas afirmações. Prefere acumular materiais, factos. O seu senso crítico evidencia-se, por exemplo, quando põe restrições às conclusões mendelianas de Davenport, às generalizações morfológicas dos psiquiatras ou a afirmações do género da de Gustavo Le Bon pretendendo que os caracteres morais e intellectuais dum tipo nacional são tão estáveis como os caracteres anatómicos que determinam a espécie.

Não me parecem bem manifestas as semelhanças que pretende encontrar nalguns indivíduos (pp. 95-97). As influências do traje, do penteado, da atitude, etc., são para ponderar. Isto só mostra a dificuldade do problema.

Mas, em geral, o A. tem razão. E o seu livro é uma destas obras que devem estar nas bibliotecas dos biólogos, dos médicos e dos sociólogos para consulta freqüente, tão grande é o peçúlio de informações que fornece.

M. C.

JANKOWSKY, W.—*Konstitution, Körperbau und Rasse in ihrer gegenseitiger Beziehung und Abgrenzungen*—Extr. de «Anatomischer Anzeiger», vol. LXX, 1930.

Constituição, estrutura do corpo e raça são termos que em biologia teem sido empregados em acepções diferentes, e muitos autores que dêles se servem, nem ao menos explicam o que por êles entendem.

Num momento em que as investigações nestes ramos da ciência são cada vez mais intensas, torna-se absolutamente necessário limitá-los e definí-los com nitidez.

É o que o A. faz neste seu trabalho, principiando por passar em revista e discutir os termos constituição, estrutura do corpo, fenótipo, genótipo e parátipo, de que quási todos os investigadores se teem servido duma forma imprecisa e por vezes contraditória.

Para o A. a estrutura do corpo diz respeito só ao lado morfológico da constituição que por sua vez abrange as partes somática, orgânica e psíquica do indivíduo, e, portanto, inclui também a noção de raça. E como esta, a espécie, o género, etc., não são mais do que constituições parcelares da estrutura do corpo.

Encaradas estas noções com tal clareza e simplicidade, torna-se mais fácil e segura a investigação sistemática neste capítulo da Antropologia, o que era absolutamente necessário em vista do incremento que teem tomado ultimamente a actividade científica neste domínio biológico.

A. ATHAYDE.

LUÍS DE HOYOS SÁINZ—*Antropologia de los grupos sanguíneos; su estado actual y aplicaciones a España*—«Assoc. Españ. para el Progr. de las Ciencias». Congreso de Lisboa, t. I (Discursos inaugurales, 2.<sup>a</sup> parte). Madrid, 1932.

O eminente antropólogo espanhol, prof. Hoyos Sáinz, apresentou ao Congresso Luso-Espanhol de Ciências de Lisboa, como discurso inaugural da secção de Ciências Naturais, um importante trabalho sôbre os grupos sanguíneos em geral e na Península em especial. Tendo dado contribuições valiosíssimas ao estudo dos caracteres antropomorfológicos nas várias regiões da Espanha, o

insigne investigador entendeu, com razão, não dever descurar os processos de análise antropobiológica das populações e tomou a iniciativa de investigações sorológicas no país vizinho, que até aos seus trabalhos aparecia em claro, como região inexplorada, nas cartas e estatísticas da distribuição dos grupos sanguíneos nos diferentes aglomerados étnicos.

A sua presente monografia é uma síntese muito bem feita do que se sabe da soroantropologia em geral e das investigações originais e alheias realizadas até hoje na Península. Relativamente ao nosso país, o A. tomou por base o trabalho da sr.<sup>a</sup> D. Adélia Seirós da Cunha (Pôrto, 1926), cujos resultados foram ampliados mais tarde para o centro e sul do país pelo dr. Waldemar Teixeira.

Para a Espanha, Hoyos fêz, em 1929, 1.035 observações (cujos resultados apresentou em nota preliminar ao Congresso de Antropologia de 1930 em Coimbra e Pôrto) e em 1931 mais 357 observações. Mas entra também em linha de conta com 581 casos de Gracián, 296 de Bote, 452 de Andreu e 1.377 casos de Mazza, Piñeiro e Grifols.

Segundo Hoyos, os grupos hemáticos estão assim representados na Península, reunindo tôdas as séries espanholas e a portuguesa:

O . . . . .	38,6
A . . . . .	47,2
B . . . . .	9,0
AB . . . . .	4,3

O índice bioquímico no conjunto peninsular é de 4,87 (em Portugal, segundo Seirós, 6,10; em Espanha varia, nas diferentes séries, de 2,2 a 7,67). É um número elevado, mas mais baixo, ainda assim, do que o calculado primeiramente por Hoyos, 10,2.

O A estabelece duas novas relações centesimais, uma de A com O e outra de A, B e AB com O. Os valores respectivos na Península são 138 e 168. Calculando  $p$ ,  $q$  e  $r$ , segundo as fórmulas de Bernstein, Hoyos chega aos seguintes resultados:  $p=29,7$ ;  $q=4,0$ ;  $r=64,5$ . A soma dos três valores vem igual a 98,2, o que Hoyos reputa aproximação suficiente de 100.

É especialmente interessante o esboço de discriminação de zonas hemáticas em Espanha. Os índices bioquímicos encontrados descem de 12,2 na região cantábrica a 2,2 na castelhana. A I.<sup>a</sup> relação de Hoyos ( $A \times 100 : O$ ) vai de 67,8 na região mediterrânea a 256 na região castelhana.

Sem dúvida, nalguns aspectos, a soroantropologia ibérica reclama novas pesquisas, porventura mesmo algumas rectificações.

Mas o esforço de Hoyos Sáinz constitui, desde já, uma sólida e séria iniciativa que merece os maiores encómios e que, com os trabalhos espanhóis e portugueses já levados a efeito, servirá de seguro ponto de partida para novos estudos, entre os quais não faltarão alguns do mesmo ilustre investigador, incansável e tenaz no seu notável labor científico.

M. C.

VERSCHUER, O. v. — *Ergebnisse der Zwillingsforschung* — Extr. de «*Verhandlungen der Gesellschaft für Physische Anthropologie*», vol. vi.

O A., um dos mais ilustres colaboradores do prof. E. Fischer no Instituto do Imperador Guilherme de Dahlem (Berlim), expõe os resultados da investigação da hereditariedade pelo estudo dos gémeos nos pontos de vista antropológico, patológico e psicológico.

É um trabalho detalhado, exacto, que certamente servirá de modelo às futuras investigações neste género sobre a hereditariedade humana.

Depois de fazer uma sucinta exposição da história e do método da investigação de gémeos, o A. apresenta os resultados dos exames minuciosos a que procedeu em cerca de 554 gémeos, analisando os caracteres da vista, nariz, ouvido, pele, cabelos, dentes, anomalias da forma do corpo, órgãos internos, doenças infecciosas, sistema nervoso, psiquismo, medidas e proporções do corpo.

Lamentamos não poder dar aqui os resultados interessantíssimos colhidos pelo A., mas o seu avultado número não é comportado pela escassez do espaço destinado a estas análises.

Tendo exposto o método, que na verdade é completo, indicamos as suas vantagens no estudo da hereditariedade humana, mostrando as dificuldades que se encontram fazendo este estudo em famílias e que são vencidas pela investigação dos gémeos.

Devemos, pois, chamar a atenção dos estudiosos para este método delineado pelo A. e que muitas vantagens traz à análise dum ramo tão importante da Biologia, como é a hereditariedade no homem.

A. A.

J. A. PIRES DE LIMA — *Novas observações de anomalias dos membros* — In «*Arquivo de Anatomia e Antropologia*», vol. XIV, Lisboa, 1931, págs. 303-316, 43 figs.; *Hypertrophie des dents incisives chez un Mus decumanus albinus* — In «*Bulletin de la Société Portugaise des Sciences Naturelles*», t. XI, Janeiro, 1932, págs. 155-159, 6 figs.

O prof. J. A. Pires de Lima, que com tanto carinho fundou, organizou e dirige o Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, continua em pleno labor científico.

No último fascículo (págs. 266-267) demos notícia bibliográfica de cinco publicações do prof. Pires de Lima. Hoje daremos notícia de mais dois trabalhos.

O primeiro constitui, por assim dizer, um apêndice ao volume *As anomalias dos membros nos portugueses*, publicado em 1927.

Os múltiplos e interessantes casos que naquele livro fôram registados, devidamente classificados e discutidos, são agora aumentados com mais 36 casos assim distribuídos: 2 casos de movimentos anormais dos dedos, 1 de polidactilia transitória, 8 de preplex direito, 2 de polegar direito em pinça de lagosta, 1 de preplex esquerdo, 3 de prehallax, 3 de post-mínimos, 3 de hiperdactilia das 4 extremidades e 2 casos de polidactilia familiar; dentro das anomalias por defeito mais os seguintes: 2 casos de hipodactilia (agenesia dos polegares), 1 de hipo-sindactilia esquerda, 1 de braquidactilia, 4 de sindactilia, 1 de microdactilia, 1 de hipodactilia e sindactilia e 1 de agenesia do metacárpico e hipodactilia.

São ainda dignas de nota as considerações que faz sobre a frequência da polidactilia e da braquidactilia. Assim, de 1153 indivíduos (683 ♂ e 470 ♀) que passaram pelo Arquivo de Identificação Civil do Pôrto, só 1 homem era polidáctilo (6.º dedo na mão direita, anexo ao 5.º). Quanto à braquidactilia, na mesma série, 5 homens e apenas 1 mulher apresentam diversas formas de braquidactilia. Isto leva o A. a dizer: «*Verifica-se mais uma vez a exactidão da lei de Pieraccini sobre a maior fixidez dos caracteres normais no sexo feminino*».

O segundo trabalho é o estudo duma curiosa anomalia dentária num rato. O exemplar em questão apresentava um extraordinário desenvolvimento dos 3 incisivos que possuía. Havia agenesia do incisivo inferior esquerdo.

As alterações no esqueleto consistiam numa atrofia dos intermaxilares e dos maxilares inferiores, sobretudo o esquerdo. O professor Pires de Lima faz considerações sobre a causa determinante daquela hipertrofia dentária, concluindo: «*Peut-être des troubles*

endocrines (thyroide?) sont ils la cause primaire de toutes ces malformations».

Passa depois em revista a literatura científica, dando-nos 8 números bibliográficos sobre este capítulo especializado do desenvolvimento dentário nos roedores.

SANTOS JÚNIOR.

V. SUK AND F. ROZPRYM — **Eyebrows and eyelashes in Man—their different forms, pigmentation and heredity** (A preliminary report) — Publications de la «Faculté des Sciences de l'Université Masaryk», Brno, 1931, 10 fl. in-8.º, com fig. e diagrama.

Notaram os autores que a literatura científica não se tem ocupado da forma e pigmentação dos supracílios e dos cílios, jamais no ponto de vista de hereditariedade. Na presente memória, um dos autores reuniu 470 casos, das proximidades de Brno (Checoslováquia), que serviram de base para este estudo. Foi avaliada a frequência das formas reconhecidas, nos dois sexos e em indivíduos de diferentes idades. O autor figurou assim 12 aspectos ou formas distintas representadas na estampa que acompanha o texto.

No mesmo número de indivíduos o autor estudou a côr, as dimensões e disposições dos cílios, de que esboça 6 grupos. Sob o ponto de vista da hereditariedade conclui que a forma e a côr se não herdam conjuntamente, o que, de certo modo, se poderia prever, em virtude da lei mendeliana de independência dos caracteres. O mendelismo neste estudo, bastante original, é expresso no diagrama que o acompanha e exprime bem a distribuição dos caracteres mencionados.

BETHENCOURT FERREIRA.

ALFREDO ATHAYDE — **Um índice da região glabelar** — «Arquivo de Antropologia criminal e Identificação civil do Pôrto», fasc. II, Setembro, 1931.

A diferenciação sexual nos esqueletos apresenta dificuldades, para superar as quais se torna necessário buscar novas caracte-

rísticas resultantes da comparação de novos elementos estudados em esqueletos de indivíduos de sexo diferente.

Segundo o prof. Athayde o osso frontal é no complexo craniano a peça que reúne mais acentuadas diferenças sexuais, e merece atenção a região da glabela, que é muito importante neste ponto de vista. O autor aplica neste caso o método dos índices, para expressar por uma relação numérica o desenvolvimento glabelar, e poder, pela seriação e comparação, encontrar o índice expressivo da característica sexual. A maior saliência da glabela corresponde maior incurvação da região entre o *nasion* e o *ophrion*; divide-se a linha curva entre estes dois pontos em duas porções, que se avaliam com o *ciclómetro* de Mollison. A relação ou cociente dos números que dão aquelas porções constitui o índice do desenvolvimento da glabela, conforme a indicação do autor, que descreve o seu método e a técnica de aplicação. Um pequeno artifício converte os valores negativos em positivos. Em uma série de 59 crânios da coleção do Instituto de Antropologia, o autor obteve os números 217,5 (máx.) para o sexo masculino; 142,5 (mín.); média =  $151,5 \pm 3,2$ , sendo o desvio = 25,5; para o sexo feminino 157,5 (máx.); 82,5 (mín.); med. =  $127,5 \pm 2,3$  e o desvio 19,4. Vê-se portanto que o desvio médio que imprime o valor diagnóstico a esta medida é muito expressivo. Nota-se também que a variação deste carácter é mais considerável, relativamente, no homem do que na mulher, o que o faz um dos caracteres diferenciais do sexo.

B. F.

NELLO PUCCIONI — **Antropologia e Etnografia delle genti della Somalia**, vol. I — **Antropometria**, I vol. de 400 págs. e numerosas estampas, Bologna, 1931; **Genti e Civiltà dell' Eritrea** — Firenze, 1932.

O eminente professor italiano, que tem publicado numerosos e importantes trabalhos sobre a antropologia das colónias italianas, nas quais tem realizado valiosas investigações pessoais, reúne no primeiro dos estudos acima indicados, os resultados antropométricos da missão Stefanini-Puccioni, em 1924, na Somalia. A publicação honra não só o autor e a Sociedade Geográfica Italiana que promoveu a missão, mas a ciência italiana. Tabelas, cartas e belas estampas acompanham a notável monografia.

Na segunda publicação, o A. faz uma breve síntese sobre a etnologia da Eritrea. Este trabalho constituiu o discurso inaugural

do ano académico no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas «Cesare Alfieri» em 16 de Novembro de 1931. Entre os antropólogos que se manifestam pela autonomia originária das populações etiópicas e os que admitem a sua origem num cruzamento entre leucodermes e melanodermes, Nello Puccioni inclina-se a favor dos segundos, acentuando que há paralelismo, por exemplo, entre as formas nasais e as línguas faladas, facto do maior interesse científico.

M. C.

LIDIO CIPRIANI—*Osservazioni antropometriche su indigeni asiatici e africani*—Extr. do «Archivio per l'Antropologia e la Etnologia», vols. LX-LXI, Firenze, 1932.

Dos resultados importantes da sua missão científica na África, missão à qual já fizemos alusão nesta revista, o prof. Lidio Cipriani tem já dado conta em várias publicações recentes, em que destacaremos, pelo interesse do assunto, a relativa aos Bochimanes da Etóscia e do Kálahari em *L'Universo* (t. XII, 1931).

O trabalho a que se refere a presente notícia, reúne as observações antropológicas feitas em Árabes do Yemen (40 observados nas tropas da Somália), em indígenas da nossa colónia de Moçambique (34 ♂ e 6 ♀), em Zulus (48 ♂ e 23 ♀) e em Batongas da Rodésia setentrional (30 ♂ e 20 ♀). Belas fotografias acompanham os quadros de medidas.

Trata-se dum trabalho de grande valor científico, que, para nós Portugueses, tem ainda o interesse especial de se referir também a algumas das nossas populações coloniais, ainda incompletamente estudadas no ponto de vista antropológico.

M. C.

PROF. V. SUK—*Anthropological notes on the peoples of Carpathian Ruthenia, with remarks on races in general and on some new methods in Anthropology (Preliminary report)*—Publications de la «Faculté des Sciences de l'Université Masaryk», redigée par Bohoslav Hostinsky, Brno, 1932.

Esta publicação faz parte da série editada pelo Instituto Antropológico da Universidade Masaryk de Brno, Checoslováquia. Trata dos resultados da viagem médico-antropológica realizada

na Ruténia dos Carpatos (Rússia sub-carpática), território que após a guerra foi integrado na nova República Checoslovaca. Dá conta de cerca de 1:800 relatórios sobre observações feitas neste sentido nas populações dessa região da Europa Central. A respeito da origem e do seu estado de civilização, estas populações aproximam-se dos povos orientais. Estão relativamente em atraso, portanto, iletradas e sujeitas a doenças e infecções de carácter grave, algumas de natureza epidémica. Estas observações referem-se a homens, mulheres e crianças de diversos lugares da região estudada geograficamente. Nelas foi também estudada a reacção sórológica. Múltiplos são nesta memória, realmente interessante, os pontos de vista orientados pela Antropologia e que seria longo discriminar. Pela aplicação do método, a exaustão do assunto é completa e recomenda-se exactamente pela sua integridade.

Acompanham esta memória um mapa geográfico, três estampas que representam os principais tipos da raça (máscaras), e extensa bibliografia.

B. F.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORREIA—*Les enfants et les adolescents luso-descendants de l'Inde Portugaise*—1 vol. de 178 págs. e muitas figs. Nova Goa, 1931.

Trata-se duma valiosa memória apresentada ao Congresso de Paris do Instituto Internacional de Antropologia. O sr. professor Germano Correia estudou o crescimento e os tipos morfológicos em 300 rapazes da Índia, de 10 a 21 anos, oriundos de famílias de antiga estirpe lusitana. O A., estabelecendo paralelismos dos seus resultados relativamente aos vários caracteres descritivos e métricos com os de outros autores referentes a rapazes europeus, sobretudo portugueses, concluiu por analogias com estes últimos. Muitos dos seus resultados não encontram, porém, elementos para confronto, ficando, entretanto, como materiais novos para o estudo do ritmo do crescimento e das proporções nas várias idades.

É para notar que os rapazes luso-descendentes apresentam a cabeça um pouco menos alongada do que os escolares portugueses da mesma idade nascidos na Europa, mas tem maior homogeneidade.

O prof. Germano Correia, estudando a acção dos factores meteorológicos, verificou que o crescimento em geral é mais lento

na estação quente. O papel da alimentação apareceu-lhe também evidente, pois a maior parte dos *sujeitos* observados pertencia a famílias pobres, mal alimentadas.

São importantes as suas considerações sobre a acção dos climas tropicais nas populações europeias. A seu vêr, não se observou na Índia um enfraquecimento ou uma degenerescência colectiva nos descendentes dos europeus ali fixados há cerca de dois séculos.

Valorizado com estatísticas detalhadas, gráficos e fotografias, o trabalho do sr. prof. Germano Correia é da maior actualidade para o estudo da aclimação. Justamente o pôs em evidência já o ilustre antroposociólogo brasileiro, dr. Oliveira Vianna, no seu livro recente *Raça e Assimilação*.

M. C.

A. CELESTINO DA COSTA — *As secreções internas no organismo fetal* — Sep. das «Actualidades biológicas», vol. VI, Coimbra, 1931.

Trata-se duma conferência realisada pelo ilustre professor em Abril de 1931 no Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral. Dado o interêsse crescente que na Antropologia estão suscitando os estudos de endocrinologia, julgamos dever registar nesta revista a publicação do importante trabalho.

O sr. prof. Celestino da Costa conclui de factos averiguados em numerosas investigações sobre o assunto que os órgãos endócrinos do embrião atingem, bastante antes do nascimento, uma estrutura a que corresponde necessariamente uma actividade funcional. «O embrião, escreve, não é uma casa vazia de vida que só comece ao cortar-se o cordão umbilical... A frase de Brachet *a vida criadora das funções* aplica-se a todo o desenvolvimento embrionário».

Falando, na introdução do seu trabalho, da doutrina das secreções internas em geral, o eminente investigador diz, com grande verdade e autoridade, que ela está pejada de noções contraditórias e falsas, cuja revisão se impõe. Cita, por exemplo, o caso do «dogma da indispensabilidade das suprarrenais para a vida» o qual «vai resistindo mal» aos factos contrários averiguados recentemente pelos profs. Ferreira de Mira e Joaquim Fontes.

A notável conferência é digna da mais atenta leitura de todos os que se interessam pelos problemas mais actuais da Biologia geral e da Antropobiologia.

M. C.

PROF. V. SUK — *Ethnic Pathology (Some new aims and ways of Physical Anthropology)* — Publications de la «Faculté des Sciences de l'Université Masaryk», rédigées par Bohuslav Hostinsky, Brn, 1931.

No folheto de 16 páginas, o autor estabelece a nova via da Antropologia física, que não se preocupa somente com o estudo de forma, medidas e proporções (caracteres métricos) mas abrange nas suas observações o campo da Fisiologia e da Patologia, bem como da Psicologia, em relação às aglomerações étnicas consideradas. É principalmente à Patologia Étnica que este folheto se consagra. Pode-se dizer que o método consiste na comparação dos resultados das observações realizadas neste sentido, nas populações de raças primitivas ou incivilizadas, com as superiores, adoptando o método estatístico e o método geográfico, de modo que se encontram neste trabalho, de facto interessante e útil, as descrições geográficas, essenciais, bem como as observações dos tipos de raça e o estudo das modificações de ordem fisio-patológica, que se notam em relação com determinados factores e influências.

O autor refere-se como modelo ao trabalho do coronel médico dr. R. Mc Carrison, de Coonoor, Índia Inglesa, cujas investigações notáveis executadas neste sentido, merecem ser continuadas e estendidas a outros povos, noutras regiões, para obter maior número de elementos comparativos entre as raças inferiores ou incultas e as supercivilizadas. São dignas de nota, na verdade, as diferenças que existem entre as raças humanas no que respeita às particularidades da sintomatologia de diversas moléstias e ainda o reconhecimento da resistência do organismo aos morbos e da maneira como se comportam sob climas tão diversos, com necessidades e modos de alimentação muito divergentes. O autor apresenta em apoio da sua dissertação vários exemplos estudados em agregados de população, em que a Patologia étnica revela a sua utilidade.

A bibliografia que aduz a este respeito, é também interessante e aproveitável neste ponto de vista especial, em que a Patologia étnica se põe em relação íntima com a Antropologia.

B. F.

PROF. V. SUK — *Cabbage and Goitre in Carpathian Ruthenia (A contribution to ethnic pathology)*, com uma estampa — Reprt. «Anthropologie», Praga, 1931.

Neste trabalho resume-se a memória sobre as observações pessoais do autor, no ponto de vista da Antropologia clínica, nas populações montanhosas dos Carpatos, no verão de 1930. A Ruténia (Rússia sub-carpática), faz parte, conforme os tratados de paz, da República Checoslovaca. Trata-se do estudo de populações de costumes rústicos que vivem nas montanhas desse país e estão sujeitos, em razão de factores ou agentes diversos à doença conhecida vulgarmente por *cretinismo* (cretinismo tiroidea ou caquexia estrumipriva), por consequência de alterações anátomo-patológicas do órgão tiroideu. Estas observações foram feitas em comparação com as experiências de Mac Carrison, coronel-médico do exército inglês, em serviço na Índia Britânica (Mac Carrison, *Studies on goitre produced by Cabbage*. «The Indian Journal of Medical Research», Calcutta, April, 1931, vol. XVIII, n.º 4).

B. F.

E. HERNÁNDEZ-PACHECO — *Mouvements et dépôts sur les côtes d'Espagne pendant le Pliocène et Pléistocène* — Extr. du «Deuxième rapport de la Commission des Terrasses Plioc. et Pléist.», Florence, 1930; *El problema de las terrazas pliocenas y pleistocenas en 1931* — Memória apres. ao Congr. de Geog. de Paris. Madrid, 1931.

Tanto no litoral cantábrico como nas costas galegas, deram-se ostensivamente fenómenos de abaixamento, mas a estabilidade operou-se na actualidade, e não se encontraram ainda provas de levantamento da costa acima do nível actual do mar, durante o quaternário. Nas costas atlânticas meridionais e nas mediterrâneas da Espanha, observam-se, pelo contrário, fenómenos alternativos de levantamento e abaixamento, notando-se costas levantadas do plioceno e costas levantadas do pleistoceno no litoral sudeste, umas e outras bem caracterizadas por faunas abundantes de moluscos. O litoral do golfo de Valência faz excepção, não apresentando formações marinhas levantadas daquelas épocas.

A esta síntese sobre os terraços marinhos na Península, faz o A. seguir uma descrição pormenorizada dos diversos segmentos

da costa espanhola. Pena é que este estudo não tenha podido estender-se à costa portuguesa, sobre a qual há, de resto, investigações de Choffat e Dollfus, Lautensach, Serpa Pinto, etc.

No segundo trabalho, muito mais amplo, o prof. Hernández Pacheco, como presidente da Comissão de Terraços da União Geográfica Internacional, Comissão designada em 1926, faz um amplo relato dos trabalhos dessa Comissão e do estado actual da questão dos terraços marinhos e fluviais, sua origem e suas relações mútuas. É um trabalho importante, detalhado e cheio de actualidade. Na parte relativa à Península, o A. volta a dizer que só no sudeste se encontram terraços marinhos do quaternário, correspondentes às praias de *Strombus bubonius* (Tirrenense) e a altitudes de 0 a 40<sup>m</sup>, notando-se pelo contrário em frente ao cabo de Creus e a Cadiz depósitos submarinos de fauna fria quaternária com *Cyprina islandica* (Siciliense?). No resto do litoral espanhol não se conhecem depósitos costeiros pleistocenos. O A. entende que a costa cantábrica estaria estabilizada desde o começo do paleolítico superior, a ajuizar pelos dados prehistóricos referentes às cavernas daquela região. Há, porém, antigas construções submergidas posteriormente, como as do templo de Hércules, no litoral atlântico meridional, perto de Cádiz.

É muito importante a coordenação que o A. procura estabelecer entre os depósitos costeiros e as aluviões interiores e terraços fluviais. A contribuição do A. e do seu filho para o estudo dos terraços dalguns grandes rios peninsulares é muito valiosa.

M. C.

M. REYGASSE — *Les âges de la pierre dans l'Afrique du Nord (Algérie)* — Extr. de «Histoire et Historiens de l'Algérie», collection du centenaire, Paris, 1931.

É uma bela síntese da história e dos conhecimentos actuais sobre prehistória da Argélia, desde o chéleo-acheuleuse ao neolítico. Tem particular interesse as considerações sobre as indústrias sbaikense, ateriense e capsense e ibero-maurusense, e sobre a arte rupestre. Nesta distinguem-se gravuras antigas, de data mal definida, e *graffiti* líbico-berberes, cuja data, relativamente recente, tem como *terminus a quo* o fim do Império Romano, em vista da ausência do elefante e aparição do camelo.

Não apareceram ainda esqueletos humanos anteriores ao capsense. Tipos negróides tem sido encontrados em estações do

paleolítico superior, do mesolítico e do neolítico. Delisle registou um esqueleto do tipo de Cro-Magnon na gruta paleolítica de Ali Bacha. Arembourg descobriu um ossuário numa estação mesolítica. Esta descoberta conserva-se ainda inédita.

Muito interessante a descrição dos Museus de Oran, Constantina e sobretudo de Argel, feita pelo A. que, como se sabe, é o director ilustre dêste último, ao qual doou mais de 100 mil peças das suas colecções africanas.

M. C.

COMTE BÉGOUEN — Des dendrites comme preuve d'authenticité et de la possibilité de travailler l'ivoire fossile. Observations présentées à propos de la Vénus II de Vistonitzé (Tchecoslovaquie) — Extr. do «Bull. de la Soc. Préhist. Française», Le Mans, 1932.

O A. faz a narrativa da discussão suscitada por uma estatueta em marfim de mamute cuja compra, em 1927, foi proposta ao dr. Bayer, director da secção prehistórica do Museu de História Natural de Viena e descobridor da Venus de Willendorf, por um moleiro de Vistonitzé, que dizia tê-la encontrado num poço do célebre jazigo. O dr. Bayer considerou-a um falso, e a mesma opinião foi adoptada por muitos prehistoriadores, confessando mesmo por fim o proponente ser o autor da fraude. Surgiram, porém, vários defensores da autenticidade da peça a despeito desta confissão que foi considerada uma «gabarola de beberrão» por ter sido feita numa taberna em estado de certa embriaguez.

As razões para essa defesa eram a existência de dendrites à superfície, a impossibilidade de esculpir o marfim fóssil, que se desfaz com o trabalho, e a uniformidade da fluorescência obtida pelo prof. Franz, de Praga, submetendo a peça aos raios ultravioletas.

Verificou-se, porém, segundo o A., que as dendrites existem em fissuras internas que o trabalho pode pôr a descoberto e, por outro lado, M. Rulisek conseguiu esculpir algumas estatuetas em marfim fóssil, embora com dificuldade. Quanto à fluorescência, entendem os drs. Skutil e Stehlik que ela não depende da superfície da peça e portanto da antiguidade dos vestígios do trabalho humano, mas da massa total dos ossos.

O A. e seu filho, o barão Luís Bégouen, puderam verificar num pedaço de marfim fóssil a existência de dendrites nas fissuras.

Numa interessante nota suplementar (*Un dernier mot sur la Vénus II de Vistonitzé — Après un voyage en Moravie*), o conde Bégouen diz ter procurado, por ocasião duma viagem à Morávia, ver a famosa peça, não o conseguindo, embora inicialmente tivesse sido bem tratado pelos partidários da autenticidade.

A posição que assume o conde Bégouen neste debate, decorre logicamente dos factos que expõe, entre os quais uma excelente comparação da peça discutida com as estatuetas aurignacenses conhecidas. É de todo o ponto crível que a peça seja falsa. E o A. tem razão em lamentar que a aparição de documentos arqueológicos no mercado suscite questões de dinheiro em assuntos em que só deveria haver serenidade científica.

M. C.

RUI DE SERPA PINTO — Nouvelles recherches sur le miolithique en Portugal — Extrait des «Comptes rendus du Congrès de Nancy», Julho, 1931, Paris, s. d., págs. 327-329.

Como o próprio A. o diz, trata-se duma descrição sumária de duas estações miolíticas portuguesas, representando uma a cultura dos amigdaloides (Âncora), outra a cultura das lâminas microlíticas (Muge).

Da primeira, semelhante à cultura asturiense do litoral cantábrico, que foi pelo A. descoberta em Portugal em 1925, em Âncora, (vd. Rui de Serpa Pinto, *O asturiense em Portugal*, «Trab. Soc. Port. Ant. Etnol.», vol. IV, Pôrto, 1928), faz uma enumeração rápida dos tipos de instrumentos encontrados e da utilização provável dos mesmos.

A última parte do trabalho é uma rápida síntese dos achados nas excavações dos kjoekenmöddings de Muge, feitas recentemente pelo prof. Mendes Corrêa, e conclui dêste modo:

«Nous sommes en présence d'une culture capsio-tardenoisienne d'origine nord-africaine, dont quelques survivances se retrouvent pendant le néolithique et dans certains dolmens. Elle a été étudiée ethnologiquement par le prof. Mendes Corrêa, qui a reconnu le dolichocephale *H. afer taganus*».

S. J.

DR. A. MORLET — *Petit historique de l'affaire de Glozel*, 1 vol. de 205 páginas, G. Desgrandschamps, éditeur, Paris, 1932; *Glozel*, extr. dos «Cahiers d'Histoire et d'Archéologie», Nîmes, 1932.

Embora, no mundo da Arqueologia oficial, o silêncio se tenha feito sobre Glozel, numa atitude a que se pretende dar a significação de que tudo está liquidado pela demonstração da falsidade dos achados glozelianos, os partidários da autenticidade não consideram dada essa demonstração e não abandonaram as suas posições no debate.

Há meses, os tribunais franceses libertaram o jovem Fradin da acusação de falsário que lhe fôra dirigida pela Sociedade Prehistórica de França, e, conquanto uma amnistia tivesse caído sobre os casos de difamação, condenaram, noutro processo, ao pagamento das custas e a um franco de indemnização requerido por Fradin o conservador do Louvre, M. Dussaud, e o jornal o *Matin* que publicara a acusação dirigida pelo ilustre orientalista ao moço camponês do Allier. Este obtivera assim inteira satisfação.

Isto não obstou a que a Sociedade Prehistórica Francesa se apresentasse paradoxalmente como vitoriosa e a que, num artigo do seu boletim, desse triunfalmente o caso como liquidado contra Glozel, de que não mais tornaria a ocupar-se.

De facto, um livro recente de Vayson de Pradenne sobre as fraudes em Arqueologia não fala de Glozel — dizem o conde Bégouen, o dr. Regnault e outros anti-glozelianos. Mas é fácil verificar que esse livro, dum dos mais notórios antiglozelianos (aliás pessoalmente muito estimável, como os outros citados), é acima de tudo um ataque indirecto a Glozel, criando o cepticismo no espírito do vulgo e tendo passagens numerosas que, segundo os próprios panegiristas, se adaptariam como uma luva ao caso de Glozel...

Entretanto o dr. Morlet, o principal defensor de Glozel, não descansa. Além duma colaboração freqüente na crónica do «*Mercur de France*» consagrada especialmente à famosa questão, tem publicado vários trabalhos de conjunto e de detalhe sobre o mesmo assunto, como são os que hoje assinalamos nesta revista bibliográfica. O primeiro é, como o seu título indica, um volumesinho em que faz uma história do debate e em que sobretudo há a ponderar os capítulos consagrados a análises físicas e químicas das peças glozelianas. O segundo é uma enumeração sumária dos principais problemas de Prehistória suscitados pelas descobertas em questão. O dr. Morlet tem sido acusado de violência polémica mas ninguém o poderá com justiça fazer perante estes dois

trabalhos que são perfeitamente serenos e o mais objectivos possível.

Há neles naturalmente referências às descobertas portuguesas de Alvão, que alguns anti-glozelianos mais encarniçados envolvem na mesma acusação de inautenticidade feita a Glozel, embora outros, como o conde Bégouen, mais serenamente, as reconheçam autênticas.

Esta questão de Alvão dará ainda para contos largos. Quando tiver tempo, farei a sua história detalhada, e ver-se-á como ao volume sobre as «Fraudes em Arqueologia prehistórica» deveria suceder outro sobre a «Ignorância dos sábios em Arqueologia prehistórica» e... em muitas outras matérias.

O recente trabalho do meu ilustre amigo, o eminente arqueólogo espanhol, D. Juan Cabré, sobre as inscrições e gravuras do castro de Lerilla (Ciudad Rodrigo), de que já me ocupei em 1929 no Congresso do Progresso das Ciências de Barcelona, vem dar novo interesse à questão de Alvão e mostrar mais uma vez que os achados da estação portuguesa não são um facto isolado e extranho na Península, como erroneamente se supôs, passando-se facilmente a acusá-los de falsos...

São contos largos que não cabem numa breve notícia bibliográfica.

O volume *Petit historique* insere um desenho do punhal inscrito da gruta de Caubéta (Bagnères-de-Bigorre), publicado recentemente pelo Comandante Rousseau. Tanto o desenho como a fotografia que obsequiosamente me foi mostrada há meses em Lyon, me deixaram uma impressão de suspeita. Mas, se as condições do achado foram rigorosas, se o exame objectivo inspirar confiança, não haverá o direito de o rejeitar. Sabe-se lá o que de extranho, singular, aberrante, aparecerá ainda aos olhos estupefactos dos investigadores da Prehistória?!

A dúvida metódica, nestes assuntos, impõe-se. Não faltam, de facto, razões para reservas prudentes, tantos são os casos de êrro ou mistificação. Mas ultrapassar, gratuitamente ou quasi, essa atitude de reserva, para cair na de oposição sistemática, simplesmente porque certos aspectos dos factos são invulgares, é tão lesivo do progresso científico como a mais obscurantista superstição. Outra coisa não tem feito alguns anti-glozelianos relativamente aos achados portugueses de Alvão.

Os vegetais frescos e as fibras coradas de modernas anilinas, encontrados por Bayle e por seus colaboradores em cerâmica de Glozel, permitem duvidar da autenticidade das peças examinadas, se bem que Morlet tenha alegado o *parti-pris* de Bayle (cuja intervenção tendenciosa num processo criminal belga me foi pessoal-

mente testemunhada em Bruxelas por um ilustre criminalista) e recordado que a clorofila resiste aos séculos e que o ar de Paris pode veicular fibras de tecidos... Mas Glozel estava *suficientemente* representado na documentação tumultuariamente reunida para exame de Bayle? Não seria preferível que um exame por peritos escolhidos por ambas as partes incidisse sobre um grupo de peças escolhidas também por uns e outros? Quem não aceita esta fórmula, é porque sobrepõe obstinadamente a paixão ao puro amor da verdade ou porque, pouco seguro da sua tese e receando o desmoronamento desta, sacrifica indecorosamente a uma posição pessoal o culto escrupuloso da Ciência.

M. C.

FERMIN BOUZA-BREY — A pia megalítica de Mougás e as práticas adiviñatorias da Galiza antiga — Sep. do «Boletín de la Academia Gallega», La Coruña, 1931, 22 págs., 2 grav. e 3 figs.

O A., trabalhador incansável e cheio de qualidades já bem demonstradas noutras publicações, com o mesmo espírito de análise cuidada e senso crítico apurado que caracterizam os seus estudos, faz no trabalho presente a reabilitação dum interessante documento arqueológico.

Trata-se dum bloco de granito escavado, formando uma pia irregularmente elíptica com 2<sup>m</sup>,75 de longo por 1<sup>m</sup>,35 de largura. Aparecida em termo da província de Pontevedra, concelho de Oya, toma o nome da freguesia onde em 1896 foi acidentalmente desenterrada. O que torna verdadeiramente notável e arqueologicamente interessante esta pia é a inscrição que tem gravada em duas das suas faces e que pode escrever-se SILI. EORINI LACVVS HO·S.

São de-veras eruditas as considerações que faz Bouza-Brey em tôrno daquela inscrição que reconstitui assim: SILI(1) EORINI LACVVS HOS(TIIS) ou HOS(TIARUM) e cuja leitura faz da forma seguinte: *Pia de Silito Eorino para as vítimas.*

A utilização da pia de Mougás para práticas religiosas de sacrifícios e emolação de vítimas é de resto comprovada não só por várias passagens dos textos de Estrabão e Silito Itálico, passagens que o A. transcreve e comenta, como também por outros monumentos arqueológicos semelhantes encontrados na Galiza e no norte de Portugal. Dentre êles destaca-se, avultando pela sua similitude e bela documentação arqueológica, o santuário rupestre de Panóias, situado junto da cidade trasmontana de Vila Real, que foi estudado pelo sábio prof. dr. José Leite de Vasconcelos.

De passagem referirei o santuário do Castrum Baniensium (cfr. Civitas Baniensis) também situado em Trás-os-Montes (Moncorvo) e onde existem pias rectangulares em tudo semelhantes às da Panóias. (Vd. J. R. dos Santos Júnior, *As serpentes gravadas do Castro do Baldoeiro (Moncorvo — Trás-os-Montes)*, in «Comptes-Rendus do xv.º Congrès International d'Anthropologie. Portugal, 1930, págs. 413-418).

O belo estudo de Bouza-Brey, depois duma interessante tentativa em que procura qual a divindade a que a pia de Mougás serviria de instrumento de culto, termina pelas judiciosas palavras que a seguir transcrevemos:

«Resumindo, o moimento de Mougás é, verosimilmente, unha pia adicada no primeiro século da nosa era a sacrificios e ablucions rituaes en honor de deuses indixenas locais o principal dos que andaria asimilado a Marte».

S. J.

M.<sup>lle</sup> E. DE MANNEVILLE — Le sanctuaire de Hal Tarxien à Malte — Extr. de rev. «Syria». Paris, 1930.

Estudo consciencioso dos templos prehistóricos malteses de Hal Tarxien e dos espólios neolíticos e das mais antigas idades dos metais, que aí fôram recolhidos pelas escavações de sir Themistocle Zammit, conservador do Museu de La Valette. A descrição arquitectónica e artística do monumento, alguns motivos ornamentais insculpidos (como a espiral e animais), alguns ídolos de pedra e argila, algumas peças cerâmicas (como vasos de decoração oculada e de decorações incrustadas), punhais e machados de cobre e bronze, etc., suscitam interêsse. Segundo Zammit, o santuário seria um lugar de peregrinação, frequentado por navegadores de tôda a bacia do Mediterrâneo. A decoração oculada, discos encimados por meias luas, lembram vasos de Hissarlik. Um desenho dum machado duplo sobre um fragmento cerâmico é parecido, segundo o A., com uma marca de ceramista cretense, encontrada num caco de Cnossos. Uma pedra com um orifício de suspensão tem gravado um sinal estranho em forma de M.

Sulcos deixados por carros prehistóricos testemunham a existência de velhos caminhos. Quanto às habitações dos indígenas, não aparecem vestígios. Pensa o A. que êles se alojariam nas numerosas cavernas. M.<sup>lle</sup> de Manneville acentua a abundância de templos em Malta, em tão pequena superfície.

M. C.

HUGO OBERMAIER — *L'âge de l'art rupestre nord-africain*, in «*L'Anthropologie*», t. XLI, Paris, 1931, págs. 65-74.

O A., insigne professor na Universidade de Madrid, aborda o intrincado e complexo problema da cronologia da arte rupestre, no que diz respeito às múltiplas e variadas manifestações desta arte na África Menor.

Na esplêndida síntese que nos dá sobre tão interessante tema, o prof. Obermaier cita e analisa as opiniões de Flaman, Probenius, Boule, Solignac, Blackenhorn, Kühn, etc., na verdade bem diversas quanto à idade a atribuir às mais antigas manifestações da arte rupestre do norte de África.

Em face de tal diversidade de opiniões, o A. discute de novo o problema pondo as questões com toda a clareza e tentando resolvê-las com um raciocínio cheio de lógica.

Primeiro, baseando-se em importantes investigações prehistóricas que levaram à descoberta de numerosas estações neolíticas em regiões desérticas que hoje fazem parte do grande deserto do Sahara, o A. diz-nos: «*Il est donc indéniable que les Néolithiques vivaient au Sahara dans bien des régions actuellement inhabitables et inhabités*».

Outras eram as condições de clima que permitiram a vida naquelas paragens a uma densa população neolítica, como levam a crer os trabalhos de vários autores especialmente os do ilustre arqueólogo Reygasse que estudou importantes e numerosas estações neolíticas nas regiões desérticas do sul da Argélia.

Que as condições climáticas eram bem próprias para a vida dos animais, provam-no as gravuras rupestres, que, como o próprio A. diz, nos transportam a um verdadeiro paraíso animal, no qual se encontrariam leões, panteras, equídeos, gazelas, antílopes, avestruzes, elefantes e búfalos.

Regiões com uma fauna desta natureza deviam ser bem irrigadas e cobertas duma vegetação densa e luxuriante.

A ausência de espécies animais que naquela região tivessem vivido exclusivamente durante o Pleistoceno e em seguida tivessem desaparecido ou emigrado para a África central e austral, espécies que, satisfazendo a esta condição, houvessem sido representadas pelas gravuras rupestres, e ainda a aparição concomitante com a fauna selvagem representada, de gravuras de animais domésticos, levam o prof. Obermaier a emitir a opinião de que tais gravuras não podem ser consideradas como paleolíticas.

É termina por dizer: «*Nous ne croyons pas nous tromper de beaucoup en plaçant le début de ces manifestations artistiques à*

une époque postérieure, époque où le Nord de l'Afrique était déjà occupé par des populations de pâtres et d'agriculteurs».

S. J.

EUGÉNIO JALHAY, S. J. — *Nuevas manifestaciones de arte rupestre del Noroeste de la Península*, in «*Boletín de la Comisión Provincial de Monumentos Históricos e Artísticos de Orense*», tomo IX, n.º 199, Orense, 1931, págs. 225-235, 8 figs.

O Rev. P.º Eugénio Jalhay, autor de interessantes estudos sobre achados prehistóricos, nomeadamente de arte rupestre, tanto da Galiza como do Minho, faz no trabalho presente uma série de considerações sobre seis grupos de gravuras rupestres, cinco localizados na Galiza (Pontevedra) e o outro em termo de Caminha, não longe da povoação de Lanhelas.

Duas destas estações rupestres haviam sido já publicadas pelo A. (Eug. Jalhay, S. J. — *Los grabados rupestres del extremo sudoeste de Galicia*, in «*Bol. de la Com. Prov. de Mon. Hist. y Art. de Or.*, t. VII, n.º 167).

O A. faz para algumas das gravuras em questão uma tentativa de interpretação e cita a propósito de cada grupo outros grupos de sinais gravados paralelos ou afins (21 citações bibliográficas). Seguindo a classificação proposta por Obermaier termina por fixar a cronologia provável das gravuras estudadas, atribuindo as estilizações antropomorfas e zoomorfas ao grupo mais antigo (possivelmente bronze inicial ou eneolítico) e os gravados curvilíneos e serpentiformes, mais modernos, ao bronze pleno.

S. J.

HENRI HUBERT — *Les Celtes et l'expansion celtique jusqu'à l'époque de La Tène* — *Bibl. de Synthèse Historique*, «*L'Évol. de l'Humanité*», 1 vol. de 400 págs. e 44 figs. Paris, 1932.

Não esquecerei nunca a impressão magnífica que numa visita ao Museu de Saint Germain-en-Laye, há uns 15 anos, com outros colegas, me deixou a lição admirável que o seu conservador adjunto, M. Henri Hubert nos fez sobre as importantes colecções

de arqueologia céltica ali recolhidas. Nunca mais vi esse homem de estatura meã, de pele e cabelos claros, fino, delicado, erudito, artista, cuja competência e distinção tão fortemente nos havia impressionado a todos. Não mantivemos sequer relações epistolares, mas foi com sincero pesar que tive em 1927 a notícia da sua morte.

Anos antes, Henri Berr, o director da «*Síntese Histórica*», incumbira-lhe um estudo de conjunto sobre os Celtas e a expansão céltica, para essa importante biblioteca. Hubert aceitara o encargo e, através das suas ocupações e incómodos de saúde, cada vez mais precária, trabalhou no seu livro, ao qual, à data da sua morte, não faltavam senão alguns retoques para ser entregue à tipografia.

Três amigos eminentes de Hubert, MM. Marcel Mauss, P. Lantier e Jean Marx, entregaram-se à tarefa da revisão do manuscrito, e saiu enfim este ano o volume, que, como escreve Berr no prefácio, é o «*testamento científico*» do autor, e dá «*a um público largo, que as suas memórias doutas não atingiam, uma ideia do seu saber e do seu talento*».

Este livro é afinal um tratado sobre os Celtas, suas origens, seus caracteres arqueológicos e linguísticos, sua história e sua expansão até à segunda idade do ferro. Marca um enorme progresso sobre os estudos anteriores e, se, como artista e pensador, Hubert não veda o passo à imaginação — e ainda bem —, fa-lo com prudência e critério, distinguindo justamente os factos averiguados do terreno menos sólido das hipóteses. É de notar, numa revista de antropologia, o cuidado com que Hubert evitava com razão atribuir um tipo físico único aos Celtas.

Há manifesta impossibilidade de, nesta breve notícia, frizar as passagens mais importantes desse livro tão substancial e atraente. Tem especial interesse para nós, estudiosos peninsulares, o capítulo v (Os Celtas em Espanha), mas é também muito curioso, pelas relações com a Península, a parte do livro referente ao mito das origens irlandesas, à origem ibérica dos Erainn, etc.

A bibliografia é, naturalmente, ampla e numerosa. Nela figuram trabalhos portugueses.

O livro póstumo de Hubert, embora deixando, como é de esperar em tal assunto, margem à discussão de alguns pormenores, é uma obra fundamental, é uma daquelas obras que marcam uma fase na história dum ramo de estudos.

M. C.

VICTOR FONTES — *Crianças anormais (Notas médico-psicológicas)* — Sep. do vol. XIII do «*Arquivo da Universidade de Lisboa*».

Sucessivamente, o A. estuda a história e a importância social do problema das crianças anormais; a definição, a classificação e a etiologia destas; o desenvolvimento físico e psíquico do normal e do anormal; o papel das endócrinas; a linguagem; a sexualidade; etc.

Discípulo do saudoso prof. Costa Ferreira, Vítor Fontes dedica este excelente trabalho à memória do Mestre querido. Mas presta-lhe ainda homenagem, seguindo os seus ensinamentos e a orientação que êle traçara neste domínio científico de tão alto interesse moral e social.

M. C.

LEONÍDIO RIBEIRO — *A identificação no Rio de Janeiro* — Rio de Janeiro, 1932.

O sr. prof. Leonídio Ribeiro descreve, no fim do seu 1.º ano de direcção do Gabinete de Identificação do Rio de Janeiro, a organização e instalações deste estabelecimento científico e os melhoramentos que nêlo introduziu a sua gerência. Este gabinete, em 30 de Maio de 1932, tinha 444.628 fichas dactiloscópicas arquivadas. O A. indica um certo número de medidas governativas que seria conveniente adoptar, como a identificação de todos os recém-nascidos. Profusamente ilustrado, o meticoloso relatório do sr. prof. Leonídio Ribeiro, é antecedido por um prefácio da pena ilustre de Afrânio Peixoto.

M. C.

HAVELOCK ELLIS — *Le Mariage*. Tradução por A. Van Gennep — 1 vol. de 282 págs. Paris, 1932.

O «*Mercure de França*» acaba de publicar mais um volume da série «*Estudos de psicologia sexual*» de Havelock Ellis. É, como os outros, uma excelente tradução francesa do ilustre etnógrafo A. Van Gennep.

Havelock Ellis considera a monogamia a expressão mais natural dum impulso que não pode ser satisfeito em tão boas condições sem um longo período de intimidade e comunhão mútua.

Mas protesta contra o carácter demasiado forçado da regulamentação matrimonial e contra a «protecção» às mulheres que as relega ao nível de menores. Cita a êste propósito a frase duma francesa: «—A única protecção que pedimos, é que deixem de nos proteger». Como Ellen Key, diz que «o dever duma fidelidade tão longa como a vida» é tão absurdo como seria «o dever duma excelente saúde durante tôda a vida».

Na sua opinião, é preciso modificar as leis para maior liberdade no casamento e maior severidade na paternidade e na maternidade. Como Ellen Key e miss Clapperton, entende que a união matrimonial é uma questão privada, mas «o parto é um acontecimento público que interessa a nação inteira». Com razão, nota que ao homem é mais fácil do que à mulher escapar às suas responsabilidades.

O elemento erótico do casamento não é o seu único elemento mas é de primeira importância e, como mostrou Keyserling, a ignorância da arte do amor é muitas vezes a causa de casamentos desastrosos. O *contrôle* do nascimento é essencial. O século XX, como disse ainda Ellen Key, é o século da criança.

Decerto há no curioso livro de Havelock Ellis muitas passagens discutíveis, mas é notável a sua franqueza. «Não quero estar em atrazo alguns séculos em relação aos meus contemporâneos — escreve êle. Prefiro suportar o desdém com que sempre são olhados aqueles que marcham um pouco adiante».

M. C.

P. SAINTYVES — *Apologie du Folklore ou de la Science de la Tradition Populaire* — Paris, s. d., 23 págs.

P. Saintyves, mestre de conferências da Escola de Antropologia de Paris, o qual tão belos e excelentes estudos de folclore tem publicado, dá-nos neste trabalho a conferência que, subordinada ao sugestivo título de apologia do folclore, proferiu na Sociedade Belga de Folclore.

O folclore, hoje, não compreende apenas o estudo da literatura popular, mas tudo quanto ao saber do povo diz respeito. O folclore tem pois um âmbito larguíssimo, que lhe dá foros de verdadeira ciência, a ciência da vida e do saber do povo, largo tesouro verdadeiramente inesgotável. O folclore, como afirma Saintyves, participa ao mesmo tempo das ciências históricas e das ciências naturais, portanto aquele que ao seu estudo se dedica,

deve possuir conjuntamente qualidades de historiador e de naturalista.

Para se ajuizar do interêsse dêste trabalho de Saintyves, darei os títulos dos diferentes capítulos em que o mesmo está dividido:

Le domaine du Folklore comment il s'étendit peu à peu — Dédain des générations passées pour les collections des folkloristes — Le folkloriste n'est pas seulement un collectionneur, mais un psychologue — Ses vues sur l'œuvre du peuple dans l'humanité — Le folklore n'est pas seulement une science propre à éclairer l'esprit, mais une discipline d'amour — Que la méthode même du folklore le conduit à enseigner l'amour de la patrie — La methode même du folklore nous oblige à mettre en pleine lumière le dogme de l'universelle Fraternité — Conclusion.

S. J.

XAQUIN LOURENZO FERNANDES — *A Muller no Cancioneiro Galego* — Sep. da «Nos», n.º 98 e sgts., Santiago, 1932, 17 págs.

A mulher é sempre o tema mais cantado nas canções do povo. Ela é objecto dum verdadeiro culto, duma quasi idolatria, em muitas das cantigas que os moços cantam nas festas, romarias, esfolhadas, sempre, sem descanso, — que o povo canta ininterruptamente de manhã, à noite e pela noite dentro ao serão. E que admira que assim seja, se os adolescentes, os moços casadoiros são aqueles que mais cantam, escolhendo as cantigas que melhor quadram com o seu temperamento de enamorados, ou enriquecendo o folclore com novas cantigas que os seus corações rubros de paixão vão sentindo e suas bôcas ansiosas vão dizendo a cada passo?!

Melhor tema não podia, pois, escolher o distinto e laborioso etnógrafo galego Xaquín Lourenzo. Rebuscando numa dezena de trabalhos folclóricos que o A. e outros etnógrafos galegos já teem publicados e outros ainda inéditos, apartou 182 quadras através das quais ora se elogia e rende preito às belezas, virtudes e encanto das mulheres, ora se troça das mesmas pondo em destaque a ingratição, a teimosia, a vaidade e a inconstância, atributos bem femininos na verdade.

Agrupando as quadras segundo os conceitos, tira ao trabalho o ar de rol de cantigas que teem grande número de estudos que versam êste interessante e inesgotável assunto.

São curiosas as considerações feitas pelo A. acerca dos caracteres físicos que o povo em seus cantares estabelece para a

mulher da Galiza, tentando criar por assim dizer o tipo da mulher galega, que reúne em si os atributos e encantos mais apreciados.

Neste, como de resto em todos os trabalhos dêste género, os paralelos, semelhanças ou identidades, encontrados com o folclore português são numerosas.

S. J.

AUGUSTO C. PIRES DE LIMA — *A morte nas tradições do nosso país* — In «Miscelânea de estudos em honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, professora da Faculdade de Letras da Univ. de Coimbra», Coimbra, 1930, 14 págs.

Colectânea etnográfica de coisas que à morte dizem respeito, e onde se registam setenta sinónimos de *morrer*, colhidos quer na linguagem erudita quer popular; algumas frases de comparação referindo-se a cadáver, defunto, morto, esqueleto, tumba, cipreste, etc.; 77 adágios; algumas orações e adivinhas. Termina o trabalho por uma série de 54 quadras, das quais destacaremos as seguintes:

No mundo para que haverá  
Justiça, guerra, vingança?  
O *cementério* além está,  
Onde tudo em paz descansa.

Homem que vais passando,  
Volta atrás e vem-me ver:  
Eu já fui o que tu és,  
O que eu sou tu hás-de ser.

O A., cuja erudição é sobejamente conhecida, dá a propósito de muitas dessas quadras indicação bibliográfica, variantes, apreciação crítica e filológica, etc.

Acerca da última quadra que reproduzimos diz em nota: «O tema vem tratado desde a Idade Média, e acha-se em muitos epitáfios, incluindo o composto por Gil Vicente para a sua sepultura».

S. J.

LUÍS DE PINA — *Os remédios imundós na medicina popular* — Extr. des «Comptes rendus do XV.º Congrès International d'Anthropologie de Portugal (1930)», Paris, 1931, 7 págs.

Comunicação na qual o incansável investigador dr. Luís de Pina, passa em revista os remédios imundos que o povo ainda hoje emprega no tratamento de vários males. O interesse do trabalho está em que o A. não se limita a enunciar o emprego terapêutico

de substâncias repugnantes, como urina, excrementos de animais e fezes humanas, cerumen, sangue menstrual, saliva e outras tantas coisas neste género, mas em fazer o seu estudo comparado com remédios idênticos empregados no estrangeiro, ao mesmo tempo que faz ainda o seu estudo histórico através de tratados de arte médica dos séculos XVI, XVII e XVIII. A análise histórica desta terapêutica leva o A. a dizer: «nunca façamos cruéis juízos sobre o nosso povo, que tem o direito de remeter as culpas aos nossos mais distintos, capazes e famosos colegas avoengos!»

S. J.

ALBERTO GERMANO DA SILVA CORREIA — *La vieille-Goa* — 1 vol. de 321 págs. Bastorá, 1931.

O ilustre professor da Escola Médica de Goa, dr. Germano Correia, cuja bibliografia de antropologia, climologia, nosografia e higiene é muito notável e vasta, presta neste volume uma homenagem de devoção filial a *Goa-la-dorée*, traçando a história da vetusta e gloriosa capital, do meio de cujas ruínas hoje se erguem quasi apenas alguns edificios religiosos. Más condições sanitárias, que o A. examina proficientemente, determinaram o abandono da velha cidade, em que seria interessante proceder a escavações arqueológicas metódicas.

Este livro, ilustrado e documentado, tem grande interesse histórico e nosográfico. Mas é também dotado de grande valor literário, a despeito de ser escrito numa língua que não é a do A. É que o prof. Germano Correia pôs nêle tóda a sua alma, o que dá àquelas páginas uma singular eloquência. Um capítulo é consagrado a S. Francisco Xavier, o Apóstolo das Índias e do Japão, cujo corpo é conservado na antiga capital, dando a única justificação à existência desta ainda nos tempos de hoje. Importantes peregrinações aí são feitas por tal motivo. O A. não hesita em aceitar a autenticidade das profecias e milagres atribuídos ao grande Santo, e das curas miraculosas feitas durante as peregrinações.

M. C.

V. SUK — *Anthropological Institute Masaryk University, Brno, Czechoslovakia* — Reprt. fr. «Anthropologie», Prague, 1931.

Neste folheto, o autor dá conta da organização do Instituto de Antropologia da Universidade Masaryk de Praga, fundado

em 1927 e cuja produtividade é já bastante considerável, como se depreende da longa lista de publicações feitas. A compreensão da Ciência Antropológica neste Instituto e a orientação dada aos trabalhos nêle executados, não se limita apenas ao estudo da morfologia descritiva e comparada, mas procura abranger os domínios da biologia geral, da fisiologia e até da patologia comparada, bem como o estudo dos problemas da constituição de diferentes tipos individuais e das classes sociais das nações civilizadas, em relação com os fenómenos patológicos. Encara-se nêle também uma espécie nova ou ramo novo das Ciências Antropológicas — a Patologia étnica — a ocorrência das doenças nas populações de diferentes raças e as relações dos fenómenos nosológicos com os factores influentes, como novo aspecto da Antropologia, tendo em vista também a importância destes novos pontos de vista com as necessidades práticas. Procura ainda estabelecer contacto da Antropologia com a Pedagogia, a educação física e também com a higiene escolar. Claro está que estes pontos de vista múltiplos e novos não prejudicam o estudo basilar da Morfologia, nem o das Ciências acessórias — a Geologia e a Paleontologia — e os conhecimentos gerais relativos às doutrinas evolucionistas. Para êste vasto quadro de trabalhos o Instituto de Brno possui as instalações e os meios necessários.

B. F.

«Pátria» (Revista Portuguesa de Cultura) — Vol. I, n.ºs 1-2, Gaia, 1931, 128 págs. e numerosas gravuras.

Dirigida pelo nosso consócio sr. Armando de Matos, saú esta interessante revista que, conforme o declara o próprio director no termo de abertura, arquivará pequenos trabalhos de investigação e crítica, que digam respeito entre outros aos seguintes assuntos: etnografia, arte, folclore, heráldica, esfragística, genealogia, literatura, bibliografia, autógrafos, numismática, iconografia, paleografia e epigrafia.

Registamos os títulos de alguns artigos etnográficos: dr. Afonso Duarte, *As janeiras no Caramulo*, pág. 26; dr. Alberto Souto, *A ria de Aveiro: a estética dos seus barcos*, págs. 30-35, 8 figs.; José de Pinho, *A propósito duma velha usança*, págs. 54-56; dr. Fernando de Castro Pires de Lima, *Folclore de S. Simão de Novais*, págs. 92-105.

Além dêstes, outros muitos e interessantes trabalhos se arquivam naquela revista.

S. J.